

# Tradução comentada de "O homem-máquina" de Jean Paul

Winfried Nöth<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto apresenta uma tradução comentada do conto satírico "O homem-máquina" de Jean Paul de 1789 e contextualiza as ideias do seu autor na história literária, cultural e filosófica sobre as relações entre máquinas e seres humanos desde o século XVIII, o "século das máquinas", até às teorias atuais sobre os seres humanos como híbridos entre organismos biológicos e artefatos mecânicos, hoje chamados de ciborgues.

**Palavras-chave:** Jean Paul, homem-máquina, ciborgue, robô.

**Abstract:** The paper presents a Portuguese translation of Jean Paul's satirical narrative "The Man-Machine" of 1789 and discusses it in the context of the literary, cultural, and philosophical discourse on the nature of human beings in relation to machines from the 18th century, the "age of machines", until contemporary theories of human beings as hybrids between biological organisms and mechanical artifacts called cyborgs.

**Keywords:** Jean Paul, man-machine, cyborg, robot.

---

1. Winfried Nöth, membro honorário da Associação Internacional de Semiótica Visual e Ex-presidente da Associação Alemã de Semiótica, é professor da Universidade Católica de São Paulo no programa de estudos pós-graduados Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD). Suas pesquisas incluem a semiótica cognitiva, a semiótica geral de C. S. Peirce, a semiótica das mídias, especialmente das imagens e dos mapas. Livros em português: Panorama da semiótica de Platão a Peirce (1995), A semiótica no século XX (1996), Manual da semiótica (no prelo) e com Lucia Santaella Imagem: cognição, semiótica, mídia (4<sup>th</sup> ed., 2005), Estratégias semióticas da publicidade (2010) e Introdução à semiótica (2017). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2518-9773>.

## Introdução

Jean Paul é o *nom de plume* que o escritor alemão Johann Paul Friedrich Richter (1763-1825) adotou do filósofo iluminista Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), como uma homenagem. Muito admirada na Europa do século XIX, a obra do autor se destaca por um estilo digressivo, às vezes labiríntico, humorístico, mas ao mesmo tempo sensível, cheio de metáforas audazes e repleto de reflexões metanarrativas.

No seu conto satírico “O homem-máquina e as suas qualidades” [*Der Maschinenmann nebst seinen Eigenschaften*], publicado em 1789 em uma antologia com o título *Auswahl aus des Teufels Papieren* (‘Seleção dos papeis do diabo’) e republicado em 1798 em forma revisada e acompanhada por rodapés no volume intitulado *Palingenesien*<sup>2</sup>, Jean Paul nos apresenta o século 18 como o “século das máquinas”. Era o século cuja fascinação pelas máquinas culminou, em 1748, no tratado *L’Homme machine* (‘O Homem-Máquina’) de Julien Offray de La Mettrie (1709-1751), que esboçou a visão dos mundos físicos e biológicos igualmente explicáveis por princípios mecanicistas. Este século vivenciou a invenção real e às vezes fake de mosquitos robôs, aves mecânicas, máquinas musicais, máquinas de escrever, máquinas falantes, máquinas de calcular e até uma máquina de xadrez (fake) (ver também LOSANO, 1992, p. 73–98), um arsenal de máquinas que lhe trouxe no século 21 a reputação do século precursor da Inteligência Artificial (SHIEBER, 2004). A essa lista de máquinas reais, Jean Paul, com a sua ingenuidade literária, acrescentou máquinas fictícias de invenção própria como uma máquina compositora, uma máquina de extemporizar, uma máquina de pré-digestão, uma máquina de oração e até uma máquina de duelar, todas elas fantásticas no tempo, mas nada tão fantástico quanto o século dos ciborgues.

O homem retratado por Jean Paul como um aficionado fanático das máquinas do seu tempo e de séculos futuros é uma caricatura da crença filosófica dos pensadores radicais do período iluminista e a sua teoria de que os organismos biológicos não eram nada senão máquinas complexas. Assim, na virada para o século 19, Jean Paul nos apresenta com uma certa incredulidade a visão de uma futura época na qual os seres humanos entrarão em uma simbiose da sua substância orgânica com a matéria mecânica, que, como resume Casey (1992, p. 60), não os deixará mais “sobrecarregados por seus próprios membros, ideias e memórias, [...]”

---

2. sob o título “Personalien vom Bedienten- und Maschinenmann”. Online (Projekt Gutenberg): <https://www.projekt-gutenberg.org/jeanpaul/palingen/palin831.html>.

para o grande benefício da terra, que antes estava tão cheia de escombros e lacunas”, mas em um mundo no qual o sol do Iluminismo terá perdido o seu brilho.

### Tradução comentada<sup>3</sup>

Se tiver que tomar um cuidado especial para não deixar nenhum ensaio inacabado em minha vida, como Lessing, por exemplo, fez com o seu “Sonífero”<sup>4</sup>, porque tenho diante de mim o exemplo de advertência de Lessing de que o teatro de Mannheim pode conceder um prêmio àquele que completa tal antiguidade<sup>5</sup>, mas não ao completador<sup>6</sup> que o merece: eu não precisaria fazer isso apenas com este ensaio – nem poderia fazê-lo; no máximo poderia fazê-lo só pela metade; pois seria justamente só após a morte que eu o precisaria elaborar. Em verdade, este ensaio todo se resume a um conto sobre o homem-máquina, que basicamente não vale a pena ouvir para ninguém além das pessoas na lua, em Saturno<sup>7</sup>, e nos seus satélites, em seus anéis. Pois aqui na Terra este homem deve ser tão conhecido como um poodle, mas em Saturno de maneira nenhuma, e é uma verdadeira sorte para este planeta que eu – quando ele se tornar, após a morte, a minha nova Jerusalém, como é de se desejar de coração por causa da perspectiva mais próxima em outros sistemas planetários e por causa da maior distância de minha sogra na Terra – queira trazer os Saturnianos ao conhecimento do homem-máquina. Eu ofereço ao homem-máquina – assim digo aos Saturnianos – um bom dia e uma boa noite, mas com isso basta, pois não posso suportá-lo por causa de sua maldita tolice. Ele faz tudo por máquinas. Ele não tem canivete em toda a casa, mas sim um certo instrumento pelo qual ele tem os seus bicos de pena pré-cortados ao toque de um botão. – Porém, ele escreve nem um iota<sup>8</sup> com ele. Pois em Viena, onde lhe foi mostrado tudo, também lhe foi mostrada a máquina de escrever do Imperador, através da qual, ao escrever algo com a própria mão, o mesmo é escrito duas e muitas vezes. Ele

---

3. A tradução se baseia na edição do conto pela “Gutenberg-DE Edition 15”, <https://www.projekt-gutenberg.org/jeanpaul/maschman/maschman.html>.

4. O Sonífero (“Der Schlaftrunk”) é uma comédia em três atos, que G. E. Lessing (1729-1781) escreveu em 1767, mas deixou inacabado.

5. Desde 1787, vários autores tentaram complementar o fragmento de Lessing. Em 1786, o teatro de Mannheim louvou um prêmio para quem pudesse melhor completar a obra inacabada de Lessing (HIRSCHING, 1799, p. 228).

6. Quer dizer, ao próprio Lessing.

7. A escolha do Saturno como cenário fictício do acontecimento pode ser uma alusão por paronomásia ao caráter satírico da narração. – Do outro lado, já Voltaire tinha escolhido Saturno como cenário do seu conto utópico Micromégas de 1752.

8. A expressão é uma alusão a Mat. 5.18, onde ela é usada no sentido de ‘absolutamente nada’.

copiou uma para si mesmo e agora, balançando a sua pena não mergulhada no ar, comandou a mão e a pena repetitivas da máquina. Uma vez, sentado na prateleira da miséria, ele relatou a morte de sua esposa a um amigo; mas a carta foi escrita pela máquina, que ele chama de seu amanuense e secretário. Ele se arrependeu disso com frequência, e antes de qualquer um: “Pois eu”, disse ele, “deveria ter enviado apenas uma folha de papel de luto em branco, que teria sido preta na margem, sem mais nada em outro lugar.” Desde então, para relatar seu segundo casamento, ele enviou uma folha em branco com uma borda amarela. – Para relatar seu segundo divórcio terrestre, ele enviou uma folha vazia com uma margem verde, e ele deu a conhecer a herança da sua mãe natural por uma borda de *ventre de Biche*<sup>9</sup>. Por isso, alguns ou vários alemães supunham que ele fosse um tolo; mas os parisienses sensatos sabiam muito bem que ele era parisiense e havia tomado emprestado deles esses *espaços de difusão*. Ele não entendia as tabelas de multiplicação, mas entendia imensamente bem a aritmética, o que ele não fazia como uma máquina, mas por meio de uma máquina; ele apenas virou a *máquina aritmética* do Pastor Hahn algumas vezes: e assim teve a sua conclusão e o seu prazer além [Figura 1]. Por isso, estanchei um pouco muitas vezes de onde poderia ter vindo que ele ou a máquina hahniana ainda não tenham sido empregados como auditores; mas isso pode muito bem ter acontecido na Terra após a minha morte. Isto já vai agradar o suficiente aos Saturnianos; mas vou continuar.



**Figura 1.** A máquina cilíndrica aritmética do pastor e astrônomo Philipp Mathäus Hahn (1739-1790) de Kornwestheim, exemplar do Museu do Estado de Württemberg em Stuttgart (Foto: Bernd Gross, CC BY-SA 4.0). Ela serve para fazer as quatro operações aritméticas básicas, adição, subtração, multiplicação e divisão e era construída com uma “roda de Leibniz”, um cilindro diferenciado inventado por Leibniz entre 1672 e 1694 e usado em máquinas de calcular até aos anos 1970 (ver [https://en.wikipedia.org/wiki/Stepped\\_reckoner](https://en.wikipedia.org/wiki/Stepped_reckoner)).

<sup>9</sup>. de cor ocre-amarelo.

O homem-máquina sempre deu mostras de sua eloquência quando se queixou do século XVIII porque ainda não tinha inventado uma máquina que pudesse fazer uma trança para um homem honesto e cabeludo, e até mesmo uma vez ele a colocou no *Jornal da Intelligentsia*: “Procura-se por aqui um barbeiro limpo, que seja feito de madeira pura.”

Ele e seu estômago nunca poderiam ser levados a nenhuma outra mesa além das chamadas mesas de máquinas, que são chamadas de *criados mudos*<sup>10</sup>, e ele disse que tinha suas boas razões para isso. Eu e alguns outros bons amigos quisemos comer com ele uma vez, e com os dentes; mas ele levantou as maiores brigas sobre isso, e me lembrarei disso. Ele nos garantiu ferozmente que não podia acreditar que éramos todos *Quebra-Nozes vivos*, mas que esperava que nunca mastigássemos, e que nunca cortássemos com nossos dentes nada maior do que as consoantes dentais. Com estas garantias, ele mandou um servo mudo que levantava uma coisa como um grande moinho de cânhamo. “Deus”, disse ele, “me deu tanto juízo que inventei uma máquina de mastigar com a qual posso e vou mastigar para mim e para meus dignos convidados.” Quando eu tiver moído duas ou três vezes como sementes de cânhamo o meu assado ou os meus vegetais através da máquina, então – porque uma espécie de pequeno holandês<sup>11</sup> ou picador de trapos, que vocês ouvem se mexer agora, destrói cada fibra – eu só preciso engoli-lo, usando a colher. Nisso, os dentes não descansam nada, quer dizer, não os meus, mas os da máquina, na qual implantei 32 dentes, dentes do siso, dentes de cachorro e outros dentes, porque nos dentistas e nas imagens sagradas católicas<sup>12</sup>, eu podia obter tantos dentes quantos eu queria. É verdade que as máquinas são usadas para cortar macarrão, carne de linguiça e palha para gado; mas pergunto às pessoas que têm consciência e conhecimento de máquinas, se elas podiam seriamente confundir minha máquina com uma imitação remota e roubada daquelas?” Ele não parava de insistir. “Vejam”, disse ele novamente, “nenhum pedaço pode permanecer inteiro entre tais *prosectores*<sup>13</sup>; mas num estômago hipocondríaco, um único pedaço completo pertencente ao *Camnephaz*<sup>14</sup> começa sempre o barulho do diabo.” Ele cuspiu em

---

10. Uma enciclopédia alemã dos tempos de Jean Paul, publicada entre 1773-1858 (KRÜNITZ 1773), explica que “um criado mudo ou preguiçoso” [stummer / fauler Knecht] “é um tipo de mesinha”. <http://www.kruenitz1.uni-trier.de/xxx/k/kko3982.htm>, <41, 280>.

11. Um holandês era uma máquina usada na fabricação de papel para triturar e desfibrar trapos.

12. Jean Paul foi educado no espírito do protestantismo. Observações pontiagudas sobre a iconografia das igrejas católicas eram comuns neste ambiente.

13. Um prosector está incumbido de preparar peças anatómicas para uma dissecação em escolas de medicina (cf. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Prosector>).

14. Em 1819, no seu ensaio sobre as palavras compostas alemãs, Jean Paul explica o

sua comida várias vezes e nos acenou para cuspirmos com ele. “Por que vocês não cospem comigo? A saliva é indispensável para a digestão e uma espécie de suco gástrico provisório; para a gente da classe alta, que, de qualquer forma, esgota tanto as inoculações de mercúrio, tal suco deveria, portanto, ser tão bom quanto o pó digestivo para venda ou como mostarda à mesa, e eu acho que, na Holanda, eles colocam as cuspidelas sobre a mesa para nenhum outro propósito.”

Quando eu tiver terminado de contar aos Saturnianos sobre esta aventura, continuarei com a descrição do homem-máquina assim:

No inverno ele deu concertos. Porém, ele o fez apenas porque conseguiu levar tudo tão longe que nem o compositor, nem o copiadador de música, nem o batedor, nem os músicos estavam vivos. Alguns deles até nem tinham forma humana. O compositor era um par de dados.<sup>15</sup> Com eles, o homem-máquina compôs as peças musicais de acordo com as regras da composição pura seguindo uma moda parisiense conforme um jornal da moda parisiense. O copiadador de notas não era Rousseau<sup>16</sup>, mas a *máquina extempordora* ou o instrumento de composição, na o qual ele tocava os produtos dos dados para que ele os escrevesse. O batedor foi o *Chronomètre* inventado por Renaudin em Paris.<sup>17</sup> Os músicos (fizeram maravilhas na flauta, no piano e em um órgão com tubos de papel cartão) tinham sido fabricados em parte por Vaucanson [Figura 2], em parte por Jaquet-Droz & Son [Figura 3].

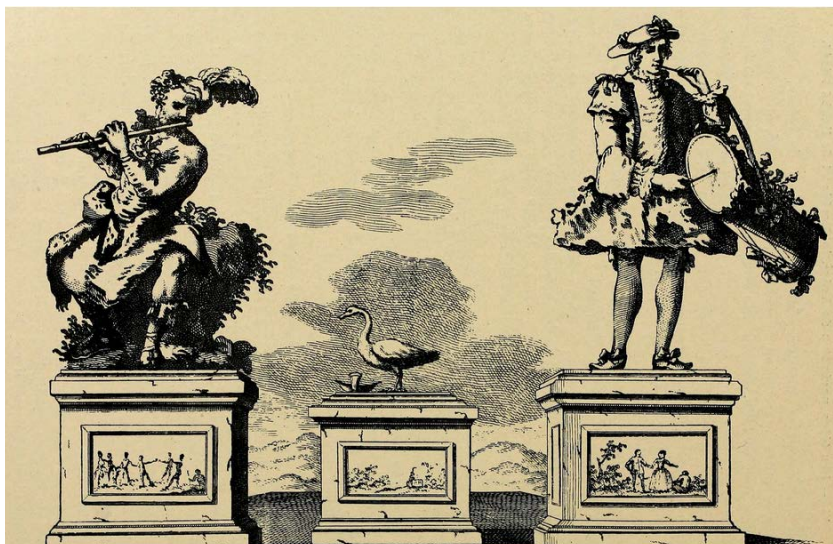
---

significado desta palavra assim: “Esta palavra, como não preciso dizer, é usada pelas gramáticas hebraicas para designar aquelas letras como C, M, N, H, etc., que são desenhadas longas e grandes no final de uma palavra nas Bíblias judaicas” (<https://www.projekt-gutenberg.org/jeanpaul/doppelw/dopp211.html>).

15. Com essa descrição, Jean Paul antecipa, de maneira fictícia, o princípio de composição da música aleatória, aplicado pela primeira vez no “Concerto para Piano e Orquestra” de 1957/1958 pelo compositor John Cage em Colônia em 1958.

16. O escritor e filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) passou muitos anos da sua vida trabalhando como professor de canto e copiadador de partituras.

17. Léopold Renaudin (1756-1795) era um luthier e revolucionário francês, guilhotinado em 1795 ([https://fr.wikipedia.org/wiki/Léopold\\_Renaudin](https://fr.wikipedia.org/wiki/Léopold_Renaudin)). No Journal de Paris de 12 de dezembro de 1785, ele anunciou a disponibilidade, na sua loja, de um Chronomètre para músicos (<https://www.ebay.fr/itm/275007436427>, acesso 6 de 8, 2022).



**Figura 2.** Representação contemporânea de três autômatos construídos pelo inventor Jacques Vaucanson (1709-1782): o tocador de flauta, o “pato mecânico” (que parecia comer grãos, digeri-los e defecá-los) e o tocador de tamborim. Fonte: Jacques Vaucanson – Internet Archive, Domaine public, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=36269899>. (Ver também: LOSANO, 1992; SHIEBER, 2004 e [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacques\\_de\\_Vaucanson](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacques_de_Vaucanson).)



**Figura 3.** Três autômatos fabricados entre 1768 e 1774 pelo relojoeiro Pierre Jaquet-Droz e seus filhos: o musicista, a desenhista e o escritor, hoje no museu das Artes e da História de Neuchâtel (Fonte: Automates-Jaquet-Droz-p1030472.jpg|thumb|Automates-Jaquet-Droz-p1030472).

“Mas”, disse-nos ele no final do concerto, “posso me lisonjear que em nenhum outro lugar se possa encontrar uma capela, uma sala de música, uma orquestra, na qual, na verdade, não toca nada mais, absolutamente nada, a não ser máquinas.” – “Mas”, disse eu, “uma vez, me encontrei num tal lugar, sim” “onde pelo menos só máquinas *escutaram*, e onde o som de um tambor tocante *comovia* os corações humanos em geral, e uma vez até um Apolo de Pedra de tal maneira que o derrubou.”<sup>18</sup>

18. Kamei (1996, p. 174) interpreta esta passagem enigmática assim: “Na medida em que ‘nada além de máquinas escutaram, as palavras ‘tocar’ e ‘mover-se’, significam apenas movimentos físicos e não efeitos sensuais, como no caso da emoção. A música do homem-máquina não desperta afeto nem (pelo menos imediatamente) aversão nos ouvintes. Não tem nada a ver com a dimensão sensual. Aqui, o deus da arte, Apolo, é uma mera pedra. Sua figura divina é destruída pelos movimentos”. Porém, a música da qual o narrador fala parece ser uma música que ele ouviu numa outra ocasião e que ele compara com a música da máquina como superior a ela. Assim, se

O Saturnianos! Se eu lhes contar realmente tudo isso um dia em Saturno – e isso acontecerá de fato – o que vocês pensarão das pessoas e dos concertos de inverno na Terra, e também daqueles que tiraram licença dos três para falar tudo isso em Saturno? Vocês não me vão dizer: “O ser humano é tolo, especialmente esta diversão. Os dias em Saturno são extraordinariamente curtos, os anos em Saturno são extraordinariamente longos, a sua história também; mas isso é justamente um erro terrível, e em quinze minutos ela deve acabar.” Ele importunou o residente russo até que esse lhe – isto é, para o meu homem-máquina – mandou vir a *rodinha da oração* dos Calmuques<sup>19</sup> [Figura 4].



**Figura 4.** Rodinha de oração budista, que inspirou Jean Paul à ideia de uma máquina de oração. (Fonte: Museum für Asiatische Kunst, Staatliche Museen zu Berlin / Jürgen Liepe, CC BY-NC-AS.) Num rodapé de 1798, Jean Paul explica: “O nome dessa rodinha [dos Calmuques] é *kürüdü*. Ela parece o guizo de uma criança: as fórmulas de oração são enroladas em uma cápsula em um cabo móvel – e girá-la é chamado de oração. Em lugares onde a oração da mesa ainda embaraça rostos e mãos, deve-se usar a roda de oração e assim ter a oração de ação de graças girada pelo torrador assado ao mesmo tempo que o assador prescreve” (<https://www.projekt-utenberg.org/jeanpaul/palinen/palin831.html>).

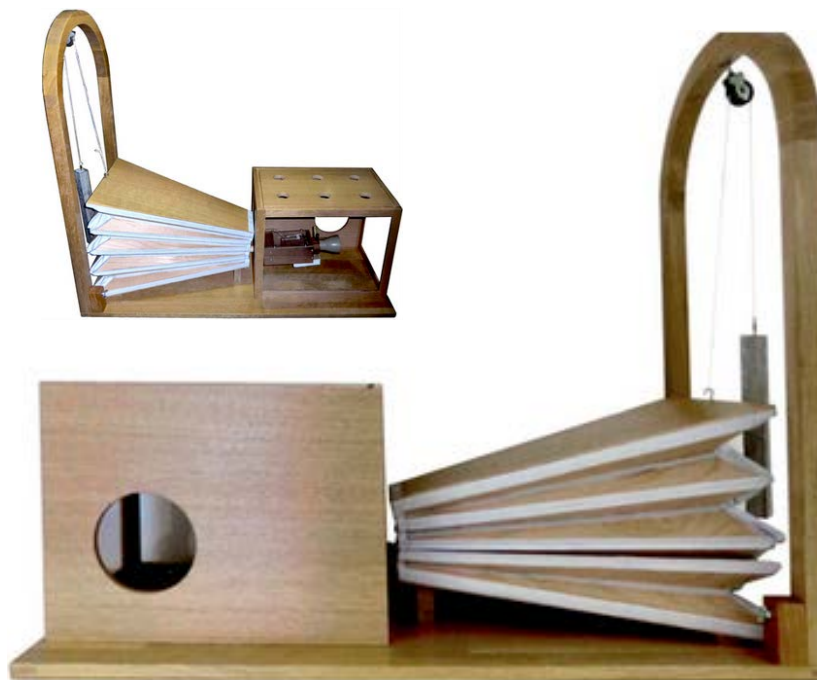
As pessoas que podem ver, mas não adivinhar especialmente o pai da bolsa de coleta e o organista, queriam me assegurar que ele nunca tinha feito nenhuma oração breve, jaculatória ou outra por seu soberano viajante e por sua esposa doente terminal, mas sim acenou algo alegremente no templo; mas isso era então sua máquina de oração e seu uso dela, e ele fez os serviços mais importantes para a viagem de sua esposa e do seu soberano, como se aprendeu depois.

---

o som do tambor que o narrador ouviu naquela ocasião foi tão tocante e comovente que ele derrubou até uma estátua de pedra (“um Apolo de Pedra”), a música ouvida naquela outra ocasião foi talvez “*steinerweichend*”, literalmente ‘emolente de pedra’, uma metáfora alemã para algo ‘muito compassivo’ ou ‘de partir o coração’. Se foi assim, o fato que os outros ouvintes eram máquinas podia ser uma alusão a ouvintes pouco sensíveis à música que eles ouviram.

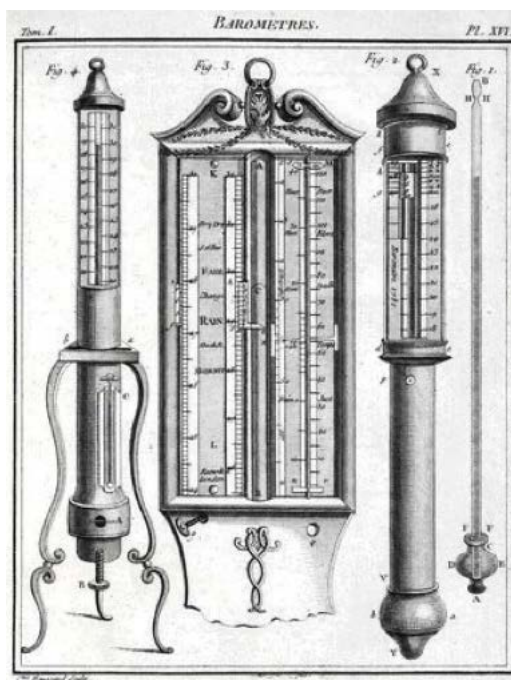
19. A Calmúquia é um estado da Federação da Rússia, no qual o budismo é a religião maioritária.





**Figura 5.** Reconstrução da máquina de fala do inventor austro-húngaro Wolfgang von Kempelen de 1769, precursora dos sintetizadores de fala do século 21. (Fonte: Instituto Leibniz da Língua Alemã em Mannheim; [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:KEMPELEN\\_Speaking\\_Machine\\_Replica\\_2017.png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:KEMPELEN_Speaking_Machine_Replica_2017.png)). Uma réplica também é disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=k\\_YUB\\_S6Gpo](https://www.youtube.com/watch?v=k_YUB_S6Gpo).

Ele havia feito o voto dos cartuxos de não falar, como os franciscanos, de não tocar dinheiro; portanto, ele precisava de um orador para representar sua língua tanto quanto um homem que cobre o dinheiro como os cegos. Assim, como é bem sabido, ele tinha uma *máquina de fala* kempeliana (Figura 5) pendurada em sua barriga. Eu o via muitas vezes de pé diante do confessionário com esta máquina, tocando sua confissão – como ele, como um irmão orador nas lojas maçônicas, orou discursos e sentimentos que, tanto quanto sei, mais tarde foram publicadas – uma vez que ele uma vez começou a praguejar, porque queria fazer um sermão de teste diante de várias centenas de patronos da igreja, ou seja, camponeses, e os patrões (ele mal tinha começado com as palavras “Amados em Cristo” e algo do Exórdio) quase o mataram por causa da suspeita de que ele estava guardando e conduzindo o Deus Conosco em uma caixa e que ele estava pregando – e em geral tenho a parte mais importante de sua biografia, que agora compartilho com Saturno com verdadeiro prazer, não de sua boca, mas de sua mão, que sinceramente tocava tudo para mim.



**Figura 6.** Barometrógrafo dos tempos de Johann Jacob Hemmer (1733–1790), primeiro secretário da Sociedade Meteorológica de Mannheim, fundada em 1780 (Fonte: <https://www.euro-climhist.unibe.ch/de/historische-klimatologie/daten/instrumentenmessungen/>).

Às vezes, com a sua vara de salto do seu entusiasmo, ele se elevou acima de mais da metade do mundo e alcançou um mundo muito mais ideal – e eu anotei fielmente o seguinte entusiasmo em particular: “É verdade,” (disse ele, ou seja, sua máquina), “que em meus dias o homem consegue fazer muita coisa por meio de máquinas – embora esteja dizendo algo que eu não preciso pagar a nenhum debulhador ou semeador vivo, mas as máquinas ordenadas para o propósito, – que se eu quiser duelar, posso simplesmente enviar a máquina de decapitação comum na Itália<sup>20</sup> em vez de mim mesmo – também não é de forma alguma sem valor, que posso entregar observações meteorológicas corretas a Mannheim [Figura 6], que ninguém fez a não ser meu novo barometrógrafo – e é tanto como se eu tivesse uma empregada, mas muito mais conveniente que posso acordar pela manhã, fazer luz e fogo, ter as cortinas da cama e da janela abertas, meramente por um *despertador* morto do novo tipo, como o Franciscano *Morgues* os fabrica aos milhares – e devo me dar conta, que seja igualmente conveniente, e ao mesmo tempo, embora não igualmente agradável, que os grandes homens, que fazem tudo através de representantes, e que, portanto, sempre se esforçam para criar tantas imagens físicas de si mesmos, deixem de criar e continuem a representar, e tenham, em uma palavra, esposas que sabem bem o que é nosso século

20. Um precursor italiano da guilhotina francesa, chamado de mannaia ('cutelo'), é descrito por Le Père Labat no seu livro *Voyage em Italie* de 1730 (CROKER, 1853, p. 49).

e suas inúmeras máquinas, e onde se encontra o italiano ou o francês, com os quais, por sua vez, estarão novamente disponíveis vigários sem vida ou *Charges d'affaires* ou agentes ou *curatores absentis* do marido vivo, todos eles (dizem as esposas e os italianos) não passariam de esplêndidas *figuras* representando o marido sem danos, e apenas retóricas, e meramente a figura *pars pro toto*...<sup>21</sup>

Já o disse, não se pode negar que tudo isso é alguma coisa. Mas por uma vez vou me permitir o prazer de imaginar que o homem já subiu para um nível muito mais alto de maquinabilidade, e só vou, já que posso fazê-lo por uma vez, imaginar até mesmo que ele estava no nível mais alto e tinha cinco máquinas ao invés de cinco sentidos – que ele andava por meio da caixa de engrenagem de uma máquina ou de um andador – que ele fabricava, como agora ele só vai buscar seus braços, pernas, olhos, nariz e dentes do torno de madeira, assim como todos os outros membros e todo o tronco sobre ele, e traria uma gaita de folas em vez do estômago não sobre (como até agora), mas dentro do abdômen em movimento peristáltico saudável, e cortaria de uma bomba manual de bombeiro uma cobra de couro para o intestino de saco ou apêndice. – Gostaria de imaginá-lo indo ainda mais longe, e por meio de um movimento hidráulico até mesmo realizaria as suas necessidades, ou seja, as *exceptivas* – ele não manteria nem mesmo seu ego, mas teria um esculpido para ele por materialistas, o que, no entanto, seria particularmente impossível – nem mesmo os animais estariam mais vivos, mas, como temos pombos artificiais, águias, moscas e patos de Archytas<sup>22</sup>, Regiomontan<sup>23</sup> e Vaucanson<sup>24</sup>, de qualquer forma, o resto também estaria vivo, e patos, o resto da zoologia também ficaria petrificada e ossificada, e seriam abertas ménageries inteiras sem vida e sem comida, e pessoas inteligentes que tivessem lido Spener<sup>25</sup> pensariam, portanto, que o último dia estava aqui ou

---

21. A “figura *pars pro toto*” de um marido deve ser um dildo, recurso bem conhecido no século 18. Em 1795, o Dictionary of Rogues relata: “Dildo, an implementation resembling the virile member, for which it is said to be substituted, by nuns, boarding school misses, and others obliged to celibacy, or fearful of pregnancy. Dildoes are made of wax, horn, leather, and diverse other substances, and if fame does not lie more than usually, are to be had at many of our great toy shops and nick nackatories” (CAULDFIELD, 1785, s.v.).

22. Arquitas de Tarento (428 a.C.–347 a.C.) foi um filósofo e cientista grego ao qual foi atribuído, 500 anos depois da sua morte, a construção de uma máquina, um pombo voador, provavelmente propulsionado por um jato de vapor, dito ter voado uns 200 metros.

23. Johann Müller Regiomontanus (isto é, ‘de Königsberg’) (1436-1476) era um astrônomo e matemático lembrado como inventor de pequenos mosquitos robóticos.

24. Ver Figura 2.

25. Philipp Jacob Spener (1635–1705) era Pregador-Mor da Corte Real de Saxônia em Dresden e a figura de liderança do Pietismo alemão.

já tinha passado – a coisa seria malditamente ruim, e a *natura naturans*<sup>26</sup> finalmente desapareceria, e nada restaria a não ser a *natura naturata*<sup>27</sup> e meramente máquinas sem mestres de máquinas: – – – com quais perfeições, pergunto eu, a terra estaria então adornada, que agora está ali em farrapos e buracos? Pois, se uma boa cabeça fosse supervisionar a terra e enumerar suas perfeições, e soubesse em geral que um ser é tanto mais perfeito quanto mais trabalha com máquinas, e quanto mais vê braços, pernas, arte, memória, juízo além do seu próprio ego, e não precisaria arrastar tudo isso consigo, e que por esta mesma razão, o animal, que trabalha sem máquinas, está no nível mais baixo, mais sujo de perfeição, o selvagem, que movimenta algumas, já está num nível mais alto, nosso camponês que gira várias está em um nível ainda mais alto, e o grande e rico homem, que tem mais máquinas a seu comando, está no nível mais alto; com quais aperfeiçoamentos a cabeça contadora encontraria então a terra espalhada? a saber, com Foísmo<sup>28</sup>, apatia completa, quietismo, vida de capitalista e de damas de corte, não sendo nada e sendo capaz de fazer tudo, o que, no entanto, não deve realmente ser pensado do século dezanove da Alemanha...”

Muito naturalmente, os Saturnianos me perguntam: “Qual foi então o verdadeiro século da vida do seu homem-máquina?”

“O décimo oitavo,” digo eu.

“Mas qual é seu verdadeiro nome,” dizem eles.

“Igualmente, isto é, o século XVIII, ou o gênio do século XVIII,” digo eu.

“E esta, aposto, é também a única razão (acrescento) porque, em meus tão numerosos e bons livros e trechos de outros livros, eu contei esta história do homem-máquina somente para vocês, abençoados Saturnianos, e nunca (senão eu teria perdido minha memória ao mesmo tempo como a vida, como os filósofos de juízo já confirmaram há muito tempo) para meu querido leitor; pois sobretudo vocês, Saturnianos, no carrasco, devem ter percebido que o leitor, afinal de contas, é o próprio – – homem-máquina.”

---

26. A *natura naturans*, na terminologia dos medievais, é a natureza tal como ela é, sem influência humana, isto é a natureza com que Deus a criou. A discussão atual sobre o Antropoceno é uma discussão sobre o desaparecimento da *natura naturans*.

27. A *natura naturata* é a natureza transformada pelas artes e a tecnologia dos seres humanos. Um mundo no qual nada resta a não ser a *natura naturata* é o mundo do Antropoceno.

28. Foísmo é o nome de uma vertente do budismo chinês, que Jean Paul associa ao Estoicismo. Em 1790, ele escreve: “O Foísmo na China diz que é preciso matar o esforço da mente e dos sentidos até que a vontade, o pensamento e os sentimentos desapareçam” (EICKENRODT, 2006, p. 142).

## Referências

CASEY, Timothy J. Jean Paul's philosophy and politics. In PAUL, Jean. *Jean Paul: A Reader*, ed. Timothy J. Casey. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 1992, p. 57–68.

CAULDFIELD, James. *Blackguardiana, or, Dictionary of Rogues, Bawds, Pimps, Whores, Pickpockets, Shoplifter*. London: Shepherd, 1785.

CROKER, John Wilson. *History of the Guillotine*. London: Murray, 1853.

EICKENRODT, Sabine. *Augen-Spiel: Jean Pauls optische Metaphorik der Unsterblichkeit*. Göttingen: Wallstein, 2006.

HIRSCHING, F. C. G. *Historisch-literarisches Handbuch [...]*, vol. 4.1. Leipzig: Schwickert, 1799. Digitalizado em <https://opacplus.bsb-muenchen.de/title/BV011671114>.

KAMEI, Hajime. Leibgebers philosophische Dichtung: Über Jean Pauls Clavis Fichtiana se Leibgeberiana. *Journal of the Faculty of Letters Nagoya University*, v. 124, n. 42, 1996. p. 165–181. Online; <http://plum.itc.nagoya-u.ac.jp/index.html>.

KRÜNITZ, J. G. *Oekonomische Encyclopädie*. 1773–1858. Online: <http://www.kruenitz1.uni-trier.de/xxx/k/kko3982.htm>, <41, 280>.

LOSANO, Mario G. *Histórias de autômatos: da Grécia clássica à Belle Époque*. Tradução: Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SHIEBER, Stuart M. *The Turing test: Verbal behavior as the hallmark of intelligence*. Cambridge, MA: MIT Press, 2004.